

A BUSCA DE SI, NO OUTRO: UMA TRAJETÓRIA DA NARRATIVA DE BERNARDO CARVALHO EM NOVE NOITES.

Helena Maria de Souza Costa Arruda ¹

Nove Noites é um romance que mistura ficção e realidade, no qual o escritor e jornalista Bernardo Carvalho narra a história do antropólogo americano Buell Quain, que chegou ao Brasil em fevereiro de 1938, aos vinte e sete anos, com a intenção de realizar pesquisas de campo entre as tribos indígenas, como os Trumai, do alto Xingu e, mais tarde, os Krahô, do interior do Maranhão, estudando especialmente como se dava o grau de parentesco entre os índios e suas relações incestuosas, ou não, principalmente em tribos pequenas. Mesmo não obtendo o sucesso desejado, permaneceu com os Krahô por alguns meses, suicidando-se misteriosamente em 2 de agosto de 1939, quando voltava para a cidade de Carolina.

Bernardo Carvalho toma conhecimento da morte de Buell Quain ao ler, por acaso, um artigo num jornal, em 12 de maio de 2001, quase sessenta e dois anos após a sua morte, que ocorrera às vésperas da Segunda Guerra: *“Li várias vezes o mesmo parágrafo e repeti o nome em voz alta para me certificar de que não estava sonhando, até entender – ou confirmar, já não sei – que o tinha ouvido antes. O artigo tratava de outro antropólogo, que também havia morrido entre os índios do Brasil (...) e citava uma única frase, por analogia, o caso de ‘Buell Quain, que se suicidou entre os índios krahô (...)’.* (p.13)

Inicia-se, então, uma verdadeira saga do narrador em busca de desvendar o mistério que envolvia a morte de Quain. Num processo de identificação do próprio escritor com o etnólogo, Carvalho começa sua busca através de pesquisa jornalística e etnográfica, fazendo contatos, em primeiro lugar, com a antropóloga que escreveu a matéria no jornal e, mais tarde, no decorrer da trama – aqui, há um entrelaçamento entre autor e narrador – com diversas outras pessoas que conheceram Quain, através de um grande número de correspondências enviadas e recebidas por estas pessoas e pelo próprio Quain e que pertenciam ao acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, entre outras fontes.

1-Helena Maria de S. C. Arruda é professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual há 26 anos. Graduada em Letras – Português / Inglês e Literaturas, pela UCP (1987). Especialista em Educação pela UCAM (1999). Especialista em Gestão Educacional pela UCB (2008). Diretora Adjunta da Rede Pública Estadual, em Petrópolis (desde 2006). Doutoranda em Ciências da Educação pela UNR, Argentina.

Desvendar tal mistério torna-se uma obsessão para o narrador que usa a “desculpa” de escrever um romance – autor – para fazer jornalismo investigativo, dando início a uma obra surpreendente, com um desfecho espetacular, o que faz com que o leitor pare, reflita e volte às questões anteriormente propostas pelo narrador. A obra é aberta, o que dá margem as mais variadas interpretações e indagações. As perguntas cruciais, pelas quais esta resenha está pautada são: por que o autor se identificou tanto com o *caso Quain*? E ainda, por que autor e narrador se confundem, se entrelaçam?

No entanto, outros questionamentos são igualmente importantes e imprescindíveis: estaria ele apenas querendo homenagear alguém esquecido pela história? Mas o mistério vai além: por que Buell Quain se matou de forma tão violenta? Por que ninguém mais se referia a ele? Por que não obteve o êxito que gostaria entre os índios Krahô?

São muitas as indagações, não obstante, a mais contundente refere-se ao próprio processo criativo do autor: por que ele tenta confundir o leitor dividindo sua obra entre a ficção e a realidade? Onde, de fato, está a verdade? E a mentira?

“Vai entrar numa terra em que a mentira não tem mais os sentidos que o trouxeram até aqui. Pergunte aos índios (...) E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida em todas as contradições e disparates”. (p. 7)

Há também a relação de Bernardo Carvalho com os índios brasileiros, já que, segundo ele, também viveu parte de sua infância em contato direto com índios do Xingu por conta de terras que seu pai comprara por aquelas bandas quando ele era ainda uma criança de seis anos. Para dar verossimilhança à narrativa, o autor lança mão de fotografias, não só a da orelha do livro – “*o autor aos seis anos, no Xingu*” inscrição embaixo da foto, o que já surpreende o leitor – mas fotos de Buell Quain e também de outros antropólogos brasileiros e estrangeiros que conviveram com Quain. Portanto, muitas são as suposições do que é fato e do que é ficção.

Há, ainda, a criação de um suposto testamento feito pelo engenheiro Manoel Perna – outro narrador, já falecido – amigo de Quain, que conviveu com ele apenas nove noites, em Carolina, travando uma amizade que ultrapassou as barreiras da introspecção do etnólogo, confiando a Perna segredos que Carvalho, através da narração do engenheiro, vai enredando o leitor numa expectativa fantástica: “*(...) Não sei se você dá conta das conseqüências do que ele me contou, do que aquilo podia provocar (...) Você não sabe a*

responsabilidade que ele me pôs nos ombros (...) Era a única coisa que eu não podia deixar vir à tona (...)” (pp. 130-131).

O narrador se reveza entre ele mesmo e o engenheiro Manoel Perna – por meio de cartas – criando um clima de mistério e de inter-relacionamentos: o pai do narrador também vem a falecer e sua família parece tão desajustada quanto a família de Quain, que narrada pelo personagem Perna, situa o pai de seu amigo como um médico bem sucedido, porém egoísta e que se importava apenas com dinheiro, divorciando-se de sua mãe, e deixando-a com sérios problemas financeiros. Os pais do narrador também eram divorciados, ele também tinha uma irmã – como Quain – e seu pai era extremamente excêntrico: sonhando em abrir estradas na Amazônia e levando seu filho pequeno – Carvalho? – para conviver com os índios, coisa que o menino detestava – pela aridez das terras e pelo medo das ameaças que aquilo representava: *“Ninguém nunca me perguntou, e por isso nunca precisei responder que a representação do inferno, tal como a imagino, também fica, ou ficava, no Xingu da minha infância”*. (p.60)

O final surpreendente se dá através de mais uma entre tantas armadilhas: num quarto de um hospital em São Paulo, onde estão internados o pai do narrador e um fotógrafo americano – Andrew Parsons – com cerca de oitenta anos, que à beira da morte faz uma revelação extraordinária ao narrador, gerando aí uma busca incessante pela verdade: *“Meu pai dividia o quarto com um americano de oitenta anos, que morava no Brasil havia muito tempo. (...) Seus dias estavam contados”*. (p.143) *“Fazia duas noites que eu estava sem dormir. (...) aquelas palavras não faziam parte do meu sonho. Quando abri os olhos, o velho estava falando sozinho (...). “Ele me chamava por outro nome. (...) Me chamava ‘Bill’, ou pelo menos, foi isso que entendi. (...)”* (p.p.145 -146)

A pergunta final é: quem busca quem?

O autor busca a si mesmo através do narrador? O narrador é criado para ocultar o autor? O autor identifica-se com Buell Quain? Ou é o narrador que trilha os mesmos caminhos que o personagem? Logo, há um processo narrativo circular. Será que Bernardo Carvalho quer brincar com o leitor, já que, segundo ele, é um erro primário confundir autor e narrador?

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. Belo Horizonte: Claro Enigma, 2008.